

5

Conclusão

Nítida consciência de que as palavras apenas mostram a experiência; não constituem a experiência: assim, é possível sintetizar a preocupação que norteou Clarice Lispector em sua trajetória como ser humano e no caminho que escolheu para construir sua obra. Tanto na ficção - seus contos e romances são uma prova cabal - como na incursão no universo jornalístico - suas crônicas constituem também provas incontestáveis - a tematização da escrita, da palavra, foi a principal e mais constante entre todas aquelas que, como autora, empreendeu. Em seus romances, contos, crônicas e até nas cartas que trocou com leitores e amigos - que não foram poucos - Clarice sempre tematizou a questão da linguagem.

Após o exame realizado por este estudo, pôde-se constatar que dos textos publicados no *Jornal do Brasil* – muitos deles são trechos de romances e de contos da autora - Clarice repetidas vezes trouxe a escrita como tema de suas conversas com os leitores. Afinal, todas as vezes que falava da vida, falava da escrita e vice-versa, já que para ela vida e linguagem eram indissociáveis.

Depois de analisar os textos publicados na mídia impressa, este estudo verificou não ter relevância comprovar a veracidade das cartas e dos leitores aos quais Clarice Lispector se referia em sua coluna, não sendo importante verificar se eles realmente existiram. Este trabalho optou por outro caminho, reconhecer que, na obra clariciana, tudo faz parte de um grande e contínuo jogo ficcional: as cartas, os leitores e até mesmo ela própria. Todos são personagens neste jogo que, Clarice tinha convicção, nunca abrangeria ou corresponderia à vida.

Com o estudo dos textos publicados na mídia, verifica-se que, mesmo quando os leitores foram criação da autora, eles sempre constituíram condição primeira na sua ficção e na sua vida. Foi do diálogo estabelecido com eles que ela retirou material para a sua ficção e mesmo para o aprofundamento de determinadas questões, também recorrentes em sua obra: o amor, a vida, a morte, o mistério dos seres e das coisas, o grande sentimento de solidão. Dessa forma, reafirma-se aqui que a relação amorosa se tornou viável, para Clarice, a partir do encontro definitivo que teve com seus leitores.

E quem foi leitor de Clarice Lispector? Como visto nos capítulos que constituíram este estudo, o universo dos leitores de Clarice abrangeu dos mais anônimos vizinhos ao mais ilustre compositor da MPB, como Chico Buarque, sem esquecer, por exemplo, dos mestres da literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. Também foram seus leitores os amigos mais íntimos, as irmãs, as empregadas, o médico de uma de suas empregadas e seu próprio psiquiatra, Dr. Azulay. Diante de um conjunto tão variado de pessoas e perfis, pode-se entender que seu público leitor foi eclético e tinha como característica principal a capacidade de poder fazer os signos de sua escrita incomum se revelarem.

Como evidenciado no primeiro capítulo, Clarice Lispector sempre declarou ter sido leitora compulsiva, aquela leitora que lia de tudo: bulas de remédio, santinhos, grandes clássicos da literatura. Talvez, esteja aí a explicação para este conjunto amplo e variado que abrange os seus leitores. Embora autora de um texto nada óbvio, não cronológico e descompromissado com o tempo linear surgido após a Revolução Industrial, Clarice foi acessível aos mais variados perfis de leitores. Enfim, para ser leitor de Clarice Lispector bastava, como já dito, comungar suas experiências, as mais difíceis e repugnantes talvez, como no caso de *A Paixão Segundo G.H.*. Para ser leitor de Clarice Lispector era preciso habitar o tempo que ela instaurou em seus textos: o tempo cíclico. O tempo das estações, diferente da noção de tempo inventada pelo capitalismo: o tempo linear. Este, representa o que passa e não volta, e que aos poucos vai sendo incorporado à rotina das pessoas. O tempo irreversível, que faz todos desejarem viver cada minuto como se fosse o último.

E como era a relação de Clarice Lispector com seus leitores? Mesmo considerando a hipótese destes leitores terem sido, muitas vezes, criados pela autora, a relação desenhou-se em um tom de intimidade e constância, como visto no segundo capítulo. Era como a um confidente que ela se dirigia àqueles que liam seus textos semanalmente. Pessoas às quais confiava dificuldades cotidianas, que incluíam as angústias de uma mulher às voltas com problemas domésticos. Pessoas às quais confiava, ainda, suas profundas angústias em relação à vida e ao doloroso e difícil processo da escrita. Embora tenha sido constante a

presença das mulheres no universo dos leitores claricianos, os homens também foram parceiros fiéis e constantes.

Mesmo reconhecendo o fato de que foi a necessidade de sobrevivência a motivadora de sua experiência na mídia impressa, Clarice Lispector se empenhou na sua relação com os leitores. E até mesmo diante do reconhecimento da própria autora de que não se preocupava muito com os textos a serem publicados no *Jornal do Brasil*, pois pretendia aproveitar trechos do volume de contos *Felicidade clandestina*, que obteve pouca repercussão junto ao público, para ela o leitor sempre mereceu sua atenção. Era ele seu confidente; era ele com quem desabafava sobre os momentos de repressão pelo qual o Brasil passava no final dos anos 60 e início dos 70.

Assim como o parceiro – quando pensamos na relação amorosa homem/mulher – pode ser fictício, criado por quem deseja e precisa da presença do outro, o leitor também pode ter sido criado, em várias situações, a partir de uma necessidade da alteridade. Contudo, não se deve esquecer que vários leitores realmente existiram e participaram ativamente da vida e da obra de Clarice. É o caso de Lúcio Cardoso, amigo fiel e apontado como possível paixão platônica de Clarice. E também Olga Borelli, que ajudou a autora na organização do material de um de seus últimos livros.

Ainda com relação à sua experiência em jornal, fica visível o “arejamento” verificado em seus textos. Por serem possivelmente apenas trechos de romances ou contos, possibilitavam ao leitor mais apressado dos periódicos uma leitura mais leve, por partes, em gotas. Textos, como analisado no terceiro capítulo deste estudo, que não podem ser aprisionados em um gênero específico. Até porque, como também visto, a própria conceituação da crônica dá margem a alguns questionamentos. Por isso, é mais adequado denominar o material publicado na imprensa simplesmente de textos, ou quase crônicas, ou quase contos.

Além disso, quando se trata de Clarice Lispector qualquer tentativa de fechá-la em classificações ou denominá-la com rótulos se revelará infrutífera. Afinal, ela pode ser traduzida como uma autora fugidia, que ora afirmava, ora negava o que haviam dito ou publicado a seu respeito. Ela mesma, não se pode esquecer, alertou seus leitores para que não confiassem nela ou naquilo que criava a partir das suas sensações do mundo e das pessoas.

Foi por considerar a palavra sua "quarta dimensão", quase física, quase materialidade, e acima de tudo por respeitá-la, que Clarice Lispector acabou por sacrificar os elementos narrativos em favor do depoimento psicológico e estético. Com isso, trouxe qualidade artesanal e intensidade de percepção para o romance e o conto, desde o seu aparecimento na cena literária brasileira, com *Perto do coração selvagem*. Por isso, em Clarice nunca parece falsa ou gratuita a busca que empreende envolvendo um trabalho de subjetivação da realidade, pela absorção crescente do *tu* pelo *eu*. Em Clarice, todo trabalho empreendido decorreu da sua necessidade de manusear e expor a um universo maior possível de leitores seu grande tema: a linguagem.

Para ela, viver, amar, escrever representava criar linguagem. Foi por isso que fez Lóri, em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, se servir do método mais radical de aprendizagem: o exercício da vida. Mas para isso, precisou Lóri ultrapassar seu maior obstáculo, que era ela própria e, no caminho em direção a Ulisses, seu mediador para a compreensão do mundo, recolher as lições até o encontro total com a graça, a alegria. Contudo, com a penosa e alegre história de Lóri, Clarice, mais do que uma história de amor, do que o encontro linear de duas pessoas, nos apresenta o amor enquanto revelação do mundo, instauração da linguagem. Linguagem que não está no homem, mas que é o homem.

Talvez pelo fato incontestável de não oferecer aos seus leitores a realidade como um dado imóvel, acabado, mas como dinamismo, processo, Clarice Lispector tenha atraído um público constante e cativo para os seus textos.